

# AO TEMPO, ESTOU OBRIGADO: a *mundividência*

(Homenagem ao VA(EN) Bittencourt)

MARCELLO JOSÉ GOMES LOUREIRO\*  
Capitão de Corveta (IM)

---

“Quando a gente anda sempre em frente, não pode mesmo ir muito longe...”,<sup>1</sup> porque afinal “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”.<sup>2</sup> As palavras melódicas, germinadas das aventuras de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, ainda que marcantes, não eram assim tão originais. Em 1672, o padre Antônio Vieira, considerado pelo poeta Fernando Pessoa como o “imperador da língua portuguesa”, escrevia que não se pode esperar bom governo ou amparo de quem não viu mais mundo que de Lisboa a Belém ou a quem só o viu do Cais da Pedra até Sacavém.<sup>3</sup>

Tanto Antônio Vieira como Saint-Exupéry sublinharam a centralidade de

uma característica muito explícita no Almirante Bittencourt: sua *mundividência*, ou seja, sua larga e profunda visão do mundo. Graças a ela, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha pôde se tornar uma referência de qualidade incontestável em suas diversas áreas técnicas de atuação. No princípio, nada estava dado. O caminho foi longo, sempre permeado por muito trabalho, superação de obstáculos e dedicação. Tudo foi conquistado.

Mas, como o próprio Almirante Bittencourt disse várias vezes, a Diretoria somos nós; são as pessoas. Sua contribuição então não pode ser referida apenas em grandes feitos. Não pode ser sintetizada naquilo que é visível aos olhos. Afinal, quantos

---

\* Doutor em Histoire et Civilisations (Paris, França). Doutor em História Social (Programa de Pós-Graduação em História Social-Universidade Federal do Rio de Janeiro). Encarregado da Divisão de Intendência da DPHDM.

1 SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. 49ª Edição. Rio de Janeiro: Agir, 2015, p. 18.

2 Ibidem, p. 72.

3 Carta de Antônio Vieira a Duarte Ribeiro de Macedo. Roma, em 13 de dezembro de 1672. Publicada em *Cartas de Antônio de Vieira*. Organizadas por João Lúcia de Azevedo. Vol. II. São Paulo: Globo, 2009, p. 359-360.

orientou? Em quantas trajetórias interferiu? Sem dúvida, por incontáveis vezes, deixou seu exemplo, modificou vidas, fez nascer esperança, espalhou *mundividência*.

É por isso, Almirante Bittencourt, que agora nos reunimos para agradecer por ter nos conduzido por mais de uma década. Deixou indelevelmente vossa marca nesta Diretoria, e também em nossos corações. Este não poderá ser um momento triste, ainda que de intensa emoção. Sabemos todos que esta Diretoria é uma Organização Militar que tem uma missão muito distinta, a de difundir consciência marítima; assim, conta com suas singularidades, ou mesmo guarda unicidade. Pois saiba que o Senhor Almirante é uma pessoa de características únicas. É nesse sentido que me lembro novamente das palavras do Pequeno Príncipe: “Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para fazê-lo feliz quando a contempla”.<sup>4</sup> Sigamos juntos, então, em mútua contemplação! Muito obrigado!

Penso que devo explicar ou advertir o que quero realmente dizer com “muito obrigado”.<sup>5</sup> Não se trata precisamente de uma explicação autoral, já que tributária de muitos outros. Remeto-me brevemente ao Tratado da Gratidão, de São Tomás de Aquino, do século XIII. Nesse Tratado, São Tomás tripartiu a ideia de agradecimento em três níveis distintos, um mais superficial, outro intermediário e um terceiro mais profundo.

O primeiro nível, mais superficial, é o de alguém que agradece porque simplesmente reconhece o benefício recebido. Reconhece-se, neste caso, a intelectuali-

dade de outrem. É assim o nível cognitivo do reconhecimento. É exatamente deste modo que agradecem frequentemente os que falam inglês, quando dizem *thank you*, ou os alemães, quando expressam *zu danken*. Agradecer e pensar nessas línguas tem, aliás, a mesma origem etimológica.<sup>6</sup> Isso é muito compreensível, pois, como todo mundo sabe, só está verdadeiramente agradecido quem pensa no favor que recebeu como tal. O segundo nível é aquele que se traduz por louvar (*gratias agere*) e dar graças: dar graças a alguém por aquilo que alguém fez por nós. As línguas latinas bem agradecem assim: os franceses dizem *merci*, enquanto os italianos dizem *grazie* e espanhóis, *gracias*; ou seja, dão graças pelo que antes tiveram.

O terceiro nível do Tratado da Gratidão (o mais profundo) é o do vínculo, aquele que cria sentimentos de pertença, que estabelece compromissos mais longevos e firmes. O interessante é que, ao que parece, a língua portuguesa é a única capaz de agradecer neste nível mais intenso. Nessa lógica, quando dizemos “obrigado”, estamos exatamente agradecendo no nível mais aprofundado possível: agradeço tão profundamente que passo a ter obrigação convosco, estou obrigado a alguém, estou vinculado a alguém, estou comprometido convosco.

Assim, é exatamente no terceiro nível do agradecimento tomista, aquele em que se subscreve extrema gratidão, sólido compromisso e vinculação, que se deve dizer ao Sr. Almirante Bittencourt, sem sopesar: Muito obrigado!

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<ADMINISTRAÇÃO>; Homenagem; DPHDM;

4 SAINT-EXUPÉRY, *op. cit.*, p. 30.

5 LAUAND, Jean. *Antropologia e Formas quotidianas: a Filosofia de S. Tomás de Aquino subjacente à nossa linguagem do dia a dia*. Disponível em [http://hottopos.com/notand1/antropologia\\_e\\_formas\\_quotidiana.htm](http://hottopos.com/notand1/antropologia_e_formas_quotidiana.htm)

6 Veja, por exemplo, em inglês, *to think e to thank*.